

TEATRO

9, 10, 11 OUTUBRO 2015

# House of Dance

de Tina Satter

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Escrita e encenação** Tina Satter **Com** Jess Barbagallo (Lee), Jim Fletcher (Martle), Elizabeth DeMent (Brendan), Chris Giarmo (Joel) **Compositor e diretor musical** Chris Giarmo **Engenheiro de som e diretor técnico** Nick Bixby **Coreografia** Hannah Heller **Cenografia** Andreea Mincic **Desenho de luz** Zack Tinkelman **Figurinos** Enver Chakartash **Produzido originalmente por** Richard Maxwell **Direção de cena** Randi Rivera **Produtor** Aaron Rosenblum **Produtora associada** Alexandra Pinel **Coprodução** New York City Players **Estreia** 23 de outubro de 2013, Abrons Arts Center, Nova Iorque

**Sex 9, sáb 10, dom 11 de outubro**  
**21h30 (dom, 17h) · Ginásio CGD · Duração: 1h10 · M12**  
**Em inglês, com legendas em português**

## Nota

Esta peça existe porque recebi uma encomenda do dramaturgo e encenador Richard Maxwell através da sua companhia New York City Players (NYCP). O Rich deu-me algumas restrições com que trabalhar. Queria que a peça não tivesse mais de 70 minutos, não mais de quatro intérpretes, e disse que como ponto de partida eu deveria imaginar todos os pormenores de uma cidade imaginária. Adorei esta última tarefa. Quase assim que me sentei para trabalhar, o meu cérebro focou-se no estúdio de dança da cidade e nas quatro personagens que o habitam. Não somos uma companhia de dança, mas o sapateado pareceu-me o tipo perfeito de estilo de dança americana para usar, particularmente numa cidadezinha, e portanto os atores aprenderam a sapatear.

Penso em *House of Dance* como um poema louco e negro que é também uma comédia de situação. Perceber como é que podia combinar essas duas vertentes – uma noção poética de ânsia interior e exterior expressada numa linguagem esparsa e a comédia do que acontece quando esses desejos poéticos chocam uns contra os outros ao desenrolarem-se em tempo real – tornou-se o trabalho do projeto. Também queria situar a peça ao crepúsculo – naquela altura do dia simultaneamente triste e esperançosa, quando, sobretudo enquanto adolescente como a personagem Lee, se flutua entre escola e casa em aulas extracurriculares, em espaços que adquirem uma espécie de trégua mágica sublinhada pelo conhecimento

latente de que aquele tempo e espaço não podem durar para sempre.

A nossa companhia apresentou-se na Culturgest em 2013, e é com verdadeira emoção e prazer que estamos de volta. Estamos muito contentes por vos podermos acolher na nossa *House of Dance*.

Tina Satter

## Alguns materiais

### Texto

Um texto que se tornou importante para mim enquanto pensava realmente sobre confinar toda a ação a uma hora numa única sala foi o livro *Poética do Espaço* de Gaston Bachelard, onde ele escreve sobre espaços como caves, sótãos, ninhos e reflete sobre como os espaços nos moldam os pensamentos, as memórias e os sonhos. É incrível. Tinha-o lido há bastante tempo, e peguei-lhe outra vez quando estava a escrever esta peça, e pareceu-me imensamente relevante para o contexto do estúdio de sapateado que eu estava a criar e que era suposto ser o conluio das memórias destas personagens, sonhos desbotados e ainda reais, etc. E esta citação em particular do livro tornou-se a epígrafe da peça:

*Fermez l'espace! Fermez la poche du Kangourou! Il y fait chaud.*  
("Fechem o espaço! Fechem a bolsa do canguru! Está quente lá dentro.")  
Maurice Blanchard,  
*Le Temps de la poesie*

Para mim, relativamente a *House of Dance*, quer dizer que apesar dos seus conflitos e problemas ditos e não ditos umas com as outras, cada uma das quatro personagens desta peça poderia realmente escolher ficar para sempre neste estúdio de dança, nesta "bolsa" – este lugar de casa (uma "mãe") que é quente e que elas conhecem.

### Imagens



A imagem do esquilo bailarino foi encontrada numa pesquisa aleatória no Google quando andava à procura de imagética de sapateado que me inspirasse. Já sabia que o Jim Fletcher ia entrar na peça e fazer o papel do professor de dança – e o esquilo para mim



era tão parecido com o Jim! O nosso figurinista até pegou na imagem como inspiração para o que veio a ser o logotipo do ficcional estúdio House of Dance.

Este quadro em particular de Piero della Francesca, do início do Renascimento italiano, foi fundamental para mim ao encenar esta peça. Vi a imagem pela primeira vez no início do processo de

escrita, e de certa forma vi as quatro personagens neste grupo. A Mãe e a Criança eram Martle e Lee, com Martle a estender a flor como se fosse a beleza e a arte que o sapateado pode ter guardado para Lee e aquilo por que Lee ansiava; Joel, o acompanhador, guarda a parte superior esquerda de Martle, vigiando tudo, e Brenda (a intrusa) está do lado direito e parece olhar para o que se passa com desconfiança.

Em termos de encenação espacial, também me inspirou o aspeto quadrangular da pintura e vários momentos no espetáculo refletem uma dinâmica quadrática que vai evoluindo, fazendo-se e desfazendo-se e refazendo-se de outra maneira, com personagens umas junto às outras em planos quadrados, ou ficando diretamente umas em frente



às outras e olhando-se enquanto falam, e as muitas linhas retas e quadradas que conduzem os movimentos das personagens pelo espaço.

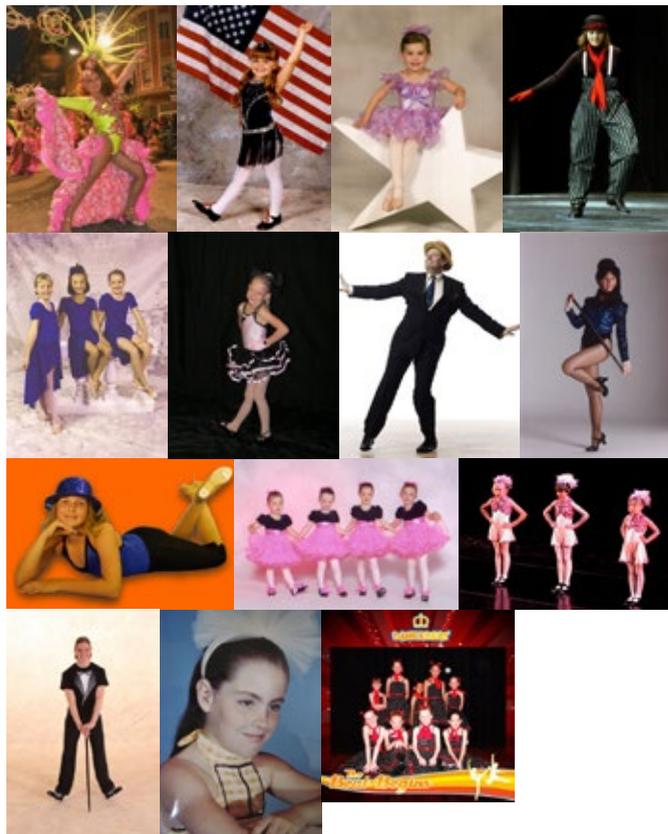
Há qualquer coisa na dinâmica sóbria, mas carregada de implicações, de um quadro renascentista que me parece adequada à energia das pessoas nesta peça.



O lado brincalhão e as máscaras aqui inspiraram qualquer coisa em mim acerca de Lee, estudante transgénero de sapateado, e a maneira como nesta cidadezinha tenta sonhar uma versão de si que não pode sequer realmente nomear.

A estética e atmosfera do sapateado nos Estados Unidos são bastante específicas – transmitem uma sensação de brilho desbotado, e de qualquer coisa que simplesmente não é lá muito *cool*. Como algo de um antiquado mundo do espetáculo que contradiz a sensação

que dá atualmente a maior parte da arte e do entretenimento, e eu queria assegurar-me de que a peça captava na estética e na sensação qualquer coisa destes pormenores do mundo do sapateado.  
T.S.



## Entrevista com Tina Satter

### Podias apresentar-nos este espetáculo, *House of Dance*?

É uma *situation dramedy* que se passa durante uma aula de sapateado de uma hora numa cidadezinha em Nova Inglaterra. É uma daquelas escolas apagadas que se vai aguentando. O professor já lá está há uns tempos e tem um acompanhador e aparece uma pessoa para ter aula. São estas dinâmicas de pessoas que conhecem mesmo bem um espaço e se conhecem umas às outras mesmo bem mas nos limites deste arranjo específico. Queria olhar para as pequenas maneiras como estas personagens ressaltam umas nas outras neste contentor minúsculo – a hora que dura esta aula de sapateado: tentar dar a aula, tentar comunicar uns com os outros ou evitar comunicar uns com os outros.

### E cresceste em New Hampshire, não foi?

Sim.

### Portanto isto baseia-se num sítio real?

Não, nem por isso. Um dos meus impulsos iniciais para esta peça foi um interesse por aquele estranho espaço liminar de ir a uma atividade extra-curricular, como uma aula de dança. Era um tempo carregado, solitário e excitante para o meu cérebro jovem, em que não estás em casa e não estás na escola. É ao crepúsculo, que sempre me pareceu pungente e triste independentemente do dia. E tens de estar a falar com outras pessoas que não conheces realmente porque tens esta aula. Mas

também adoras lá estar porque as luzes estão ligadas, e é reluzente, e estás a trabalhar nalguma coisa. E sabes que vai acabar. Há qualquer coisa de muito específico nesse tempo. Qualquer tipo de linha autobiográfica que exista é uma linha de memória mesmo essencial e difusamente abstrata. Eu não tinha um estúdio de dança de cidadezinha. Só estou a tentar pegar nessa sensação e perceber onde é que a posso situar nesta cidadezinha de Nova Inglaterra.

**Concordo com o que dizes sobre a altura do dia. Porque é a altura em que estás a ir atrás daquilo de que gostas. Provavelmente, mais tarde estás com a tua família e tens de fazer determinadas coisas e quando estás na escola tens de fazer determinadas coisas. Este tempo é mais ou menos o teu tempo. E porquê o sapateado?**

Os New York City Players têm uma ótima relação com o Abrons Arts Center (o Abrons é mesmo incrível) e queriam que fizéssemos lá o espetáculo. Nenhum dos auditórios me inspirava especialmente, mas sempre tinha adorado aquela sala de ensaios chungosa. E antes fosse do que fosse eu achei “Bem, isto a mim parece-me um estúdio de sapateado chungoso”. Portanto a ideia veio na verdade daqueles espelhos e daquela sala mesmo fatela. Eu pensei tipo: “Ai meu Deus. E se esta coisa toda acontecesse aqui?” Quando começámos a experimentar, o ritmo do sapateado – gostei mesmo muito. Atraem-me os arranjos específicos de coisas como hospitais, ou equipas de futebol. Portanto eu pensei “OK, é uma coisa de sapa-

teado”. Há sapatos que se usam para isso, há uma dinâmica à volta disso...

### **Há um formalismo.**

Sim. Há um formalismo. É exatamente isso que me atrai sempre nestas coisas. Há uma estética mesmo precisa e uma ideia intelectual e formal. E depois pode-se ir a partir daí.

### **Como é que definirias o formalismo no teu trabalho?**

Tenho tendência a fazer coisas sem qualquer codificação à volta, mas há sempre um centro estético a que regressam. Não sou bailarina e não tenho realmente conhecimento de elementos de dança, mas defino um ritmo e linhas de movimento para esta energia incerta. O formalismo acaba sempre por saltar de dentro do que estou a fazer como maneira de o ancorar. Portanto mesmo que seja abstrato ou pateta, a coisa que amarra tudo é este formalismo. (...)

### **Tens um elenco tão talentoso neste espetáculo. Se pudesses escolher uma, qual é a qualidade mais importante num ator com quem queiras trabalhar e que entre nas tuas peças?**

É uma sensação de presença, a maneira como um ator pode ser ele próprio numa maneira super estável mas ao mesmo tempo trazer essa energia para o palco. O Jim Fletcher corporiza literalmente isso. Ou alguém como a Jess, ou muitas das pessoas com quem costumo trabalhar. (...) Acho que são capazes de estar ali em palco e de forma simplesmente inata ter um tipo de encanto enquanto seres humanos, mas também

são capazes de canalizar isso de maneiras intangíveis diante dos espectadores. Não me costuma interessar se estão ou não a fazer um bom trabalho enquanto personagens. É mais a estranha volta pessoal que dão à coisa. A Liz DeMent para mim é fascinante por isso. É uma bailarina altamente treinada. Não teve aulas de teatro como muitas outras pessoas. Transmite uma coisa tão crua. Mesmo quando olha para alguém, estou super interessada nisso. É um bom exemplo de alguém que eu queria que entrasse só por causa desta qualidade que ela tinha. Não é como se a tivesse visto a fazer de Viola na *Noite de Reis*. Ví-a a ser super esquisita enquanto ela própria. O que é que acontece quando se põe isso em palco com outras pessoas e elas estão a dizer coisas emocionais ou estranhas umas às outras? Ou a não dizer nada? Portanto acho que também é um formalismo da pessoa, onde se tornam um bocadinho um objeto, agora que penso nisso.

### **Tens um comprometimento no teu trabalho, e especialmente nesta peça, com o silêncio. Concordas? E de onde é que isso vem? Porquê?**

Gosto quando o diálogo fica a pairar ou quando as pessoas olham umas para as outras. Gosto de gestos minúsculos. Não se conseguem ver se as pessoas estiverem a falar muito. Quero que haja ali espaço. Há momentos em que o Jim corrige a fita da Jess ou alguém vai até ao espelho – precisam de lá estar. Isso está a fazer jus à energia desta sala que eu sempre ambicionei. Esses pequenos momentos de silêncio em que algo

acabou, seja de que maneira for, e passa para este outro momento, que não é super estilizado e é o tempo pessoal de cada indivíduo. Porque estou a tentar ser mais realista nesta peça e ver se podia haver um impulso contínuo para a frente, queria usar estes momentos de silêncio de forma mais ativa. (...)

### **Ontem à noite na sala parecia que havia uma espécie de caos alegre. Como é que cultivas isso? Porque também me pareceu que era com um espírito de colaboração.**

Ontem à noite estávamos num ótimo momento. Acho que a sensação nos nossos ensaios é bastante boa e divertida – num ensaio médio de Half Straddle. Muitas das pessoas naquela sala já trabalharam juntas portanto há uma espécie de estenografia. Também acho que esta peça é bastante ridícula, portanto enquanto estamos a trabalhar naqueles momentos mesmo a sério, também é do tipo “Isto agora é tão parvo!” Estamos a dizer coisas como “Vamos ver se conseguimos com que o cabelo de peluche flutue mais”. Sabemos todos que o teatro é bastante estúpido mas adoramo-lo. E acreditamos que é mesmo transcendente. E porque não estamos a tentar fazer peças bem-feitas, há ali espaço para a brincadeira total. Também podemos falar muito abertamente uns com os outros. (...) Há uma espécie de fluidez quando é divertido. Pessoalmente acho que o teatro é mesmo mesmo parvo! (risos)

### **Porque é que é parvo?**

É um disparate! Vais para ali fingir!

Mas pode ser usado para convocar o belo ridículo da vida. Porque tudo na vida é mais ou menos estúpido, mas vamos levar a sério a procura disto. Nem sequer andavas para a frente se não levasses isto a sério. Acho que a outra parte disso para mim é ter praticado desporto durante tanto tempo, que eu levava super a sério. É aquela coisa perfeita de “Não vamos salvar o mundo mas porra, temos de ganhar!” Acho que há uma coisa parecida que se pode aplicar a porque é que trabalhamos tão arduamente no teatro. (...)

Apesar de ser tão difícil estar no mundo atualmente, estar vivo, tentar ainda fazer coisas é na verdade mesmo importante. Isto pode parecer ingénuo. Estou sempre a debater comigo própria para perceber se eu penso que é complacente achar que a arte é tão importante como eu acho que é e estou sempre a dizer: “Não! Não é complacente. É necessária.”

Entrevista conduzida por Katherine Cooper, *BOMB Magazine*, 30 de outubro de 2013

## Half Straddle e Tina Satter

Half Straddle é um grupo de intérpretes e designers sediado em Brooklyn que faz peças, *performances*, vídeos e música, dirigido pela escritora / encenadora Tina Satter. A companhia começou em 2008, fez digressão por festivais e teatros nos Estados Unidos, Europa e Ásia e várias das suas peças foram Escolhas da Crítica do *New York Times*. Ganhou em 2013 o Prémio Obie para companhia de teatro emergente. Os seus espetáculos mais recentes são *In the Pony Palace / FOOTBALL* (2011), *Away Uniform* (2012, apresentado no Aniversário da Culturgest em 2013), *Seagull (Thinking of you)* (2013), *House of Dance* (2013) e *Ancient Lives* (2015).

Tina Satter recebeu o Prémio Doris Duke Impact em 2014 e os seus espetáculos foram encomendados por The Kitchen, PS122, Soho Rep, Incubator Arts Project, Bushwick Starr e Prelude Festival, para além de circularem internacionalmente. Fez residências no Headlands Center for the Arts, Yaddo, The Performing Garage, Kitchen L.A.B, MASS MoCA, New Museum for Contemporary Art e foi apontada como “Inovadora Off-Off Broadway a ter debaixo de olho” pela *Time Out New York*. Foi artista convidada na Universidade do Michigan, Universidade de Princeton, Reed College e Universidade de Fordham. Frequentou o programa de pós-graduação em escrita para teatro de Mac Wellman no Brooklyn College. Um volume com peças suas, *Seagull (Thinking of you)*, foi publicado pela 53rdState Press em 2014.

## Próximo espetáculo

# Oy Division

© Oy Division



**Jazz Qui 15 de outubro**

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6

Os Oy Division são a melhor banda de música *klezmer* que conhecemos. Ao vivo, as suas interpretações são arrebatadoras, de uma inesgotável energia.

## Próximo espetáculo de teatro

# Total Eclipse Of The Heart

de Kassys



**Teatro Qui 5, sex 6, sáb 7 de novembro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12

Quatro homens e um cão estão fartos: de nunca perderem a compostura, de terem de ser positivos e de fazer o seu melhor. Decidem ver o que acontece se pararem de relativizar os sentimentos: entregam-se à força emocional da música pop.

**Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)**

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

**Culturgest, uma casa do mundo**